

A MORFOLOGIA EM LIBRAS

Flanciêni Aline R. Ferreira (UERJ)
flan.uerj@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho, discutiremos sobre o estudo morfossintático da língua brasileira de sinais (libras), focando principalmente na análise dos compostos em libras. Por se tratar de um estudo ainda novo na área da libras, aqui buscaremos compreender como o tema é apresentado por alguns estudiosos de linguística da libras com o intuito de apresentar as principais teorias sobre o tema e analisar como a morfologia, e mais especificamente os compostos, nos estudos da libras tem sido compreendidos e estudados pelos pesquisadores. Para essa pesquisa, nos basearemos nos estudos já realizados pelos autores Felipe (2006), Quadros e Karnop (2004) e Figueiredo Silva e Sell (2009).

Palavras chaves: Libras. Morfologia. Composição.

1. Introdução

Nas línguas orais, os estudos morfológicos, como por exemplo, os processos de composição, são muito estudados em comparação aos estudos das línguas sinalizadas. Os estudos morfológicos da língua portuguesa são inúmeros e há anos pesquisadores se dedicam nos estudos dessa área. Na libras temos um quadro diferente, os estudos morfossintáticos dessa língua são, ainda, pouco estudados e os estudos existentes são recentes e precursores.

Neste trabalho, discutiremos sobre o estudo morfossintático da língua brasileira de sinais (libras) existentes, focando principalmente na análise dos compostos em libras. Aqui buscaremos compreender como o tema é apresentado pelos estudiosos de linguística da libras com o intuito de apresentar as principais teorias sobre o tema e analisar como a morfologia, e mais especificamente os compostos, nos estudos da libras tem sido compreendidos e estudados pelos pesquisadores.

2. *A língua brasileira de sinais (libras).*

As línguas de sinais são um sistema linguístico utilizado pelos surdos como meio de comunicação. É uma língua que nasceu de forma natural devido a uma necessidade de comunicação.

Enquanto nas línguas orais o canal de transmissão utilizado se dá pelo aparelho fonador, na libras se dá através do meio gestual-visual, o que acaba, muitas vezes, levando essa língua a ser confundida como meras mímicas e representações limitadas com as mãos devido ao seu aspecto icônico, como cita Taub:

Infelizmente, o intenso preconceito contra as formas icônicas acarretou o preconceito contra as línguas de sinais. As pessoas afirmaram durante muitos anos (alguns ainda o fazem) com base nos aspectos icônicos das línguas de sinais que elas são mera mímica, encenação, imitação – e não verdadeiras línguas como um todo, e incapaz de expressar conceitos abstratos [...] (TAUB, 2001, p. 2-3).

Seu aspecto icônico não significa que esta língua não tenha possibilidade de realizações complexas como qualquer outra língua oral. A libras possui uma gramática constituída de uma estrutura sintática complexa, possibilitando a realização de infinitas sentenças a partir de um número finito de sinais.

A libras é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas linguísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras. (BRITTO, 1995, p. 1).

É importante ressaltar que a libras não é o português sinalizado, ela é independente da língua oral, por isso carece de estudos próprios, pois não se pode aplicar estudos de línguas orais a ela.

A libras não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual espacial da realidade. (BRITTO, 1997, p. 21)

Ainda que se utilize estudos linguísticos orais para ajudar na compreensão de certos eventos na libras, eles não podem ser aplicados

diretamente a ela, pois não proporcionam uma base sólida na investigação, uma vez que a libras tem sua própria estrutura e é muito diferente da língua portuguesa.

Por isso contamos com estudos linguísticos da libras já realizados para nos embasar na investigação desta língua. Apesar de serem poucos, comparados aos estudos das línguas orais, os estudos linguísticos e morfológicos existentes na libras nos auxiliam na compreensão desses eventos na libras e nos proporcionam uma base para estudos futuros.

3. *Morfologia e composição na libras.*

Nos estudos morfológicos da língua portuguesa o conceito de palavra vem sido abordada por muitos pesquisadores, devido a sua difícil definição, pois compreender o que seria uma palavra e as unidades mínimas é importante para a os estudos de sua morfologia.

No artigo “O Conceito do Vocábulo na Obra de Mattoso Câmara”, Margarida Basílio traz as três concepção entendidas por Mattoso que definem o vocábulo:

A primeira é a colocação de Bloomfield de que a palavra, ao contrário dos afixos, ocorre isoladamente, constituindo uma forma livre. A segunda é a mobilidade de posição (anteposição ou posposição), possível nos clíticos mas não nos afixos. E a terceira diferença, de caráter fundamental: o vocábulo “tem incontestável autonomia ou individualidades formal, porque não é condicionado pela forma particular do vocábulo a que se adjuge”. (BASÍLIO, 2004, p. 78)

O morfema é a unidade mínima da palavra, a menor parte composta de som e significado, mas não é autônomo como a palavra.

Cada morfema é um átomo de som e significado- isto é, um signo mínimo. Segundo tal perspectiva, a morfologia é o estudo desses átomos (*a alo-morfia*) e das combinações em que podem ocorrer (*a morfotática*) (...) a **morfologia** é o estudo *dos morfemas e de seus arranjos*. (ROSA, 2000, p. 50)

De forma geral, compreende-se que uma palavra composta é uma palavra formada por dois, ou mais, itens lexicais dando origem a uma terceira palavra. Gonçalves (2011, p. 63) diz que “De um modo geral, entende-se a composição como um processo que combina palavras ou radicais para formar um item morfológicamente complexo”.

Na língua portuguesa é importante levantar os conceitos de palavra e unidade mínima nos estudos morfológicos, por isso sobre os estudos morfológicos da libras, Felipe (2006) levantada a questão sobre o

que seria um morfema nessa língua, a autora faz um levantamento geral sobre os principais estudos dessa língua para compreender essa questão.

Uma das primeiras pesquisadoras no Brasil a investigar a libras no campo da linguística foi Lucinda Britto, em seu livro *Por Uma Gramática da Língua de Sinais* apresenta um estudo linguístico da libras, o que era bastante inovador na época, e de forma didática faz comparações com português para entendermos como alguns conceitos podem ser compreendidos na libras.

Como as línguas orais, as línguas de sinais exibem a dupla articulação, isto é, unidades significativas ou morfemas, constituídas a partir de unidades arbitrárias e sem significado ou fonemas (KLIMA & BELLUGI, 1979). Nas línguas orais, os fonemas são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca, e nas línguas de sinais, a estrutura fonológica se organiza a partir de parâmetros visuais. (BRITO, 2010, p. 35)

Apesar de suas importantes contribuições para os estudos linguístico no campo da libras, Brito não cita o que seria um morfema na libras, apesar de tratar da fonologia em libras como sendo os parâmetros dos sinais.

A autora Felipe (2006), à luz de importantes pesquisadores das línguas de sinais, explica o que seria a unidade mínima na libras. Apesar de a palavra “fonema” se referir ao som/voz, esta expressão é adotada nos estudos da libras devido à concepção de unidade mínima que é a base dos estudos da fonologia.

Na realização de um sinal temos mais de um aspecto para formá-lo e podemos apreendê-los e termos os fonemas dos sinais da libras.

As unidades mínimas da libras são descritas, por Felipe (2006), por cinco parâmetros que configuram um sinal: configuração de mãos (o formato feito pela mão), ponto de articulação, (localização em relação ao corpo do sinalizador/falante), movimento (feito pela mão), direcionalidade (ou orientação da palma da mão) e expressões não manuais (ou expressões faciais e corporais). Esses cinco parâmetros são colocados como os fonemas nas línguas de sinais, são as cinco partes menores, que, juntas, formam um sinal. Na ausência de um dos parâmetros o sinal é descrito citando a não realização dele. Para Felipe, os morfemas são os cinco parâmetros que combinados formam um item lexical na libras.

Através desta concepção de unidade mínima, podemos compreender o morfema na libras e a criação de novos sinais. De acordo com as autoras Quadros e Karnopp “As línguas de sinais têm um léxico e um sis-

tema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas.” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 87).

Sobre a composição de sinais, Felipe ressalta que “nesse tipo de processo de formação de palavras, utilizam-se itens lexicais que são morfemas livres que se justapõem ou se aglutinam para formarem um novo item lexical” (FELIPE, 2006, p. 207). Como observado por Takahirana:

(...) um processo de justaposição na língua de sinais seria um caso no qual os dois sinais que formam o composto são realizados em sua totalidade, ou seja, os dois sinais são completamente sinalizados. Já em um processo de aglutinação, algum ou alguns dos parâmetros de um ou ambos os sinais seria modificado ou não seria realizado. (TAUB, 2001, p. 2-3).

Na criação de um novo sinal, pode haver a junção de dois existentes sem que nada seja suprimido de um destes para criar o terceiro, apenas a realização dos dois de forma simultânea. Estes são os chamados compostos por justaposição.

Por exemplo, o sinal IGREJA em que se realiza dois sinais já existentes na libras que são CASA e CRUZ simultaneamente, estes dois sinais são realizados em sua totalidade, um após o outro, formando então o terceiro item lexical IGREJA. Assim como o sinal ESCOLA = CASA ^ ESTUDO. Nesses, Felipe observa, que nada é suprimido na realização para a criação do terceiro item lexical.

Porém, a própria autora observa que o sinal ESCOLA tem apresentado uma supressão no segundo item por alguns surdos, seria então necessário investigar se são casos isolados ou se este sinal está se transformando em um composto por aglutinação.

Os compostos por aglutinação na libras, também compreende a utilização de mais de um sinal para a criação de um terceiro, mas há uma supressão de um dos parâmetros na realização do composto, para haver um composto por aglutinação “algum ou alguns dos parâmetros de um ou ambos os sinais seria modificado ou não seria realizado” (FELIPE, 2006, p. 264).

Dos cinco parâmetros que são as unidades mínimas do sinal, se pelo menos um destes parâmetros, no momento da realização do sinal composto, deixa de ser feito em um dos sinais que compõe o novo item lexical, temos um composto por aglutinação.

Um exemplo de Figueiredo Silva e Sell (2009) que Felipe apresenta para este evento são os sinais FRUTA e ANIMAIS, em que há hipótese de que são compostos por aglutinação, pois o segundo item que compõe ambos os sinais é realizado de maneira diferente em relação a quando este é realizado isoladamente. O sinal FRUTA ocorre na sinalização de dois sinais já existentes na libras: MAÇÃ + DIVERSOS, este segundo item no composto FRUTA é realizado apenas com uma mão, diferente do que ocorre quando este sinal ocorre isoladamente, que se realiza com as duas mãos, com isso, percebe-se uma supressão de alguma parte do sinal DIVERSOS quando este ocorre dentro do composto FRUTA. O mesmo ocorre em ANIMAIS em que o segundo item lexical que compõe este sinal também é o item DIVERSOS, apontando, então, que estes sinais são compostos por aglutinação.

Felipe vai criticar esta consideração, pois em algumas regiões no Brasil o sinal DIVERSOS mesmo quando ocorre isoladamente ele se realiza com apenas uma mão.

Além de analisar estes dois tipos de compostos, Felipe aborda sobre quais seriam os núcleos dos compostos em libras. Nos sinais que se referem a lugares, como por exemplo, IGREJA: CASA ^ CRUZ; ESCOLA: CASA ^ ESTUDO; MUSEU: CASA ^ ANTIG@; como estes sinais apresentam ordem fixa e obrigatória, as autoras Figueiredo Silva e Sell (2009) usam como critério semântico para determinar o núcleo o fato de todos estes sinais indicarem lugares, então o núcleo se encontra à esquerda, porém, há também outras combinações sem realização do sinal CASA, para criar compostos que se referem a lugares, como por exemplo CEMITÉRIO que se realiza MORTE ^ CRUZ.

Apesar de neste ponto ser abordado sobre o núcleo de um sinal, esse tema não é mais aprofundado, nem se é definido uma regularidade para o que seria um núcleo nos sinais nas línguas sinalizadas. Devido à sua realização tão distinta das línguas orais, definir determinados conceitos nas línguas de sinais ainda tem sido um desafio.

Felipe aborda também sobre as desinências na libras:

[...] os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal. Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavras, a libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante, que

podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação. (FELIPE, 2006, p. 200)

A autora aponta que na libras apresentam-se “sistemas complexos de desinências”, pois a maneira pela qual a libras se realiza permite amplas possibilidades de comunicação muito distintas das quais estamos acostumados na língua portuguesa. Por exemplo, nem sempre o plural na libras é indicado, como no português, com um acréscimo na terminação do vocábulo e, na libras a indicação de número pode ocorrer simultaneamente com o sinal e dependendo da classe gramatical, os “plurais” se diferem. Às vezes ele é indicado pelo movimento com a boca, às vezes com uma modificação dentro do próprio sinal. O gênero em libras muitas vezes é indicado realizando-se o sinal HOMEM ou MULHER antes do substantivo, na maioria o gênero é indicado para se referir a pessoas, e este, muitas vezes, não é obrigatório, o faz se houver a necessidade de indicar o gênero da pessoa. Diferente do português, a maioria dos substantivos em libras não apresentam gêneros em sua estrutura, devido à sua realidade isso não se torna necessário.

Embora se tenha disponíveis tais estudos sobre a morfologia na libras, percebemos que ainda muitas questões carecem de estudos mais aprofundados. A própria pesquisadora Felipe que realiza os estudos mais avançados nessa área admite que ainda há questões que precisam ser respondidas nos estudos morfológicos na libras.

4. Considerações finais

Nesse trabalho apresentamos os principais conceitos existentes nos estudos morfológicos da libras, como unidade mínima, morfologia e composição. Vimos como se comportam os compostos em libras e os parâmetros dessa língua são compreendidos como unidades mínimas. Porém, como observado, várias questões ainda estão em aberto sobre a morfologia da libras, por isso tal estudo carece de mais aprofundamento.

A maneira pela qual a libras é realizada, através do canal visual-gestual, permite a ocorrência de eventos que não ocorrem nas línguas orais, pois ambas são línguas com realizações e realidades distintas. Por isso é observa-se a necessidade de que estudos específicos sobre a morfologia da libras sejam realizados, pois do contrário muitas perguntas podem continuar sem respostas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASILIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. O conceito do vocábulo na obra de Mattoso Câmara. *DELTA* vol. 20. São Paulo, 2004.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

DICIONÁRIO de libras. Disponível em:

<<http://www.acesobrasil.org.br/libras/>> Acesso em: 20-06-2014.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na libras. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006. Disponível em:

<http://www.librasemcontexto.org/producao/Revista_ETD-2006-122.pdf>. Acesso em: 20-06-2014.

_____. *A relação sintático-semântica dos verbos na língua brasileira de sinais (libras)*. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2 vol.

GONÇALVES, C. A. V. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Lingu@agem*, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 63-94, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

TAUB, Sarah F. *Language from the body: iconicity and metaphor in american sign language*. New York: Cambridge University Press, 2001.